



**CENTRO DE HUMANIDADES  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**FRANCISCA CAMILA DOS SANTOS VASCONCELOS**

**“BLACK MIRROR”: vigilância algorítmica em “Queda Livre”**

Artigo apresentado ao Curso de Biblioteconomia da  
Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à  
obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a): Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes

Aprovado em 30/09/2024.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes (orientador)  
Universidade Federal do Ceará

Profa. Dra. Isaura Nelsivania Sombra Oliveira  
(membro)  
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Antonio Wagner Chacon da Silva  
(membro)  
Universidade Federal do Ceará

**Francisca Camila dos Santos Vasconcelos**

## **Resumo**

Este artigo explora a vigilância algorítmica em um contexto de crescente digitalização e automação representado pelo episódio “Queda Livre” da série britânica “Black Mirror”, dirigida por Charlie Brooker explorando elementos da literatura como “Branca de Neve”, “Admirável Mundo Novo” e o Mito de Narciso. Além disso, a vigilância algorítmica refere-se ao monitoramento, coleta de dados e filtros personalizados por meio de algoritmos, ilustrado através da vida de Lacie em “Nosedive”, que impactam não apenas a privacidade individual, mas também as estruturas sociais e as dinâmicas de poder com uma vigilância distribuída, descentralizada e locativa. Analisa-se também como essas práticas se intensificaram com o crescimento das Big Techs, levando a um estado de “queda livre”, onde os limites da vigilância e o regime de aparências se tornam cada vez mais tênues, gerando um debate sobre a necessidade de regulação e conscientização crítica na era digital.

Palavras-chave: Black Mirror. Vigilância algorítmica. Nosedive. Filtros personalizados.

## **Abstract**

This article explores algorithmic surveillance in a context of increasing digitalization and automation represented by the episode “Free Fall” from the British series “Black Mirror”, directed by Charlie Brooker, exploring elements of literature such as “Snow White”, “Brave New World” and the Myth of Narcissus. Additionally, algorithmic surveillance refers to monitoring, data collection, and personalized filters through algorithms, illustrated through Lacie's life in “Nosedive,” that impact not only individual privacy but also social structures and dynamics. of power with distributed, decentralized and locative surveillance. It also analyzes how these practices have intensified with the growth of Big Techs, leading to a state of “free fall”, where the limits of surveillance and the regime of appearances become increasingly tenuous, generating a debate about the need for regulation and critical awareness in the digital age.

Palavras-chave: Black Mirror. Algorithmic surveillance. Nosedive. Custom filters.

## **1 Introdução**

O século XXI começou com uma das mais notáveis invenções da humanidade: a internet. Hoje, a informação se espalha pelo mundo em uma fração de segundo. As redes sociais conectam pessoas simultaneamente, promovendo um senso de

proximidade sem precedentes. No entanto, esse avanço tecnológico também expôs os indivíduos, tornando seus dados mais vulneráveis do que nunca.

A série distópica *Black Mirror*, original da Netflix, carrega um significado profundo, simbolizado pelo “espelho preto trincado”, onde as pessoas se veem refletidas. Em diversos episódios, o usuário digital se torna o protagonista, e o telespectador reconhece semelhanças com o mundo físico, familiarizado com o cenário apresentado. A distopia, que deveria estar distante da nossa realidade, revela um totalitarismo disfarçado, característico da sociedade digital, que mapeia e filtra os dados dos usuários por meio de algoritmos, manipulando e monitorando a população através da rede virtual.

Portanto, a pesquisa tem o objetivo geral de analisar o impacto da vigilância algorítmica, conforme retratada no episódio "Nosedive" (Queda Livre, traduzido para o português) da série distópica *Black Mirror*, nas relações sociais e na construção da identidade individual na era digital, explorando os efeitos dos filtros personalizados e sua influência sobre a vida dos usuários, com o intuito de promover uma reflexão crítica sobre a exposição nas redes sociais e os desafios que ela impõe à sociedade contemporânea, especificamente, visando explorar a representação da vigilância algorítmica nesse episódio e suas implicações nas interações sociais dos personagens e compreender sobre os desafios que a vigilância algorítmica impõe à sociedade contemporânea, propondo possíveis caminhos para uma utilização mais crítica e consciente das tecnologias digitais.

Para isso, pretende-se reforçar, através deste artigo, os estudos sobre filtros personalizados e o impacto que isso traz para a vida dos usuários enfatizando sua importância através de uma série distópica que nos faz refletir sobre a exposição nas redes sociais. Desta forma, pretende-se proporcionar para os leitores uma reflexão sobre o tema e mostrar para a comunidade acadêmica o impacto a que estamos sujeitos nas mídias sociais representada através do episódio “Queda Livre”.

## **2 “O sucumbir das utopias é o aprumar das distopias”**

Na sociedade contemporânea, a tecnologia é vista como um “sonho americano”, algo a ser alcançado em um mundo perfeito, utópico. Criada como algo a se adequar ao ser humano e ajudá-lo no trabalho, no lazer, na comunicação e na ciência. Sendo assim, o conceito de Utopia foi inventado por Thomas More sendo uma palavra,

composta por prefixo e radical gregos, que significa literalmente ‘não-lugar’ (Cunha, 2020). Alguns relatos dizem que veio de um poema grego escrito por Hesíodo (VII a.C.) intitulado “Trabalhos e dias”, que retratava sobre a Idade de Ouro, em que os homens conviviam em paz e felizes.

Entretanto, a Distopia passou a surgir fortemente a partir do século XX, período em que o desenvolvimento bélico estava a todo vapor entre os países que entravam em guerra como forma de legitimar o domínio das maiores potências da época. As distopias surgiram como uma espécie de gênero da literatura que

representavam, concomitantemente, tipos de diagnósticos e tipos de prognósticos entranhados numa visão política, denunciativa, que buscava realçar a indiferenciação subjetiva, a massificação da cultura, a vigilância despótica e o controle psíquico como pontos de referência. (Silva, 2020, p. 16)

O autor pondera sobre aquilo que foi tão almejado no passado está se tornando algo que pode colocar em extinção o próprio ser humano no futuro, esclarecendo que o sucumbir das utopias é a matéria-prima das distopias.

De acordo com Sibilia e Gabriel (2019), a série americana “Black Mirror” é narrada de uma maneira distópica as questões relativas ao futuro das tecnologias a partir de sinais que já se deixam ver no presente, com um certo exagero, fazendo com que o espectador se coloque dentro da narrativa e ao mesmo tempo se enxergue refletido em um espelho olhando para dentro de si mesmo, sendo livre, perdido e solitário tal qual o mito de Narciso em que o personagem se contempla sem ver o outro, enxergando apenas sua própria beleza.

Enquanto Narciso era capturado por sua beleza através da água, a tela do smartphone é a retina que mira as linhas que contornam seu usuário e definem se ele é capturável ou não. (Silva, 2020, p. 55)

O Mito de Narciso narra a história de um jovem, filho da ninfa Liríope, que se apaixona por sua própria imagem refletida na água. Nesse contexto, a água pode ser interpretada como um espelho, refletindo a ilusão e a idealização de sua beleza. Assim como no mito, a transparência da água, ou do espelho, representa uma utopia, um ideal muitas vezes inatingível que chega para a realidade e se reflete nas obras “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley e “1984” de George Orwell. Logo, “a Utopia parece estar muito mais perto de nós do que qualquer pessoa, apenas quinze anos atrás, poderia imaginar” (Huxley, 1946). Em suma a distopia traz uma quebra do

que se compreende por utopia, se caracterizando como um fim catastrófico tal qual o perecer de Narciso e a inserção da série Black Mirror tornando-se

símbolo da espetacularização da penalidade numa sociedade marcada pelo empenho em totalizar a vida através das tecnologias digitais. A distopia no seriado é sempre organizada pela apreensão diante da penalidade. A rarefação do tempo, promovida pela imersão das subjetividades no complexo algorítmico, é sempre retratada nessas distopias como alegoria do instável, do impalpável, como alegoria do vazio. Essa instabilidade, essa liquidez e esse vazio são os recursos que concretizam a pena contemporânea e promovem o sentimento típico de nosso século: o medo. (Silva, 2020, p. 25-26)

Portanto, no episódio "Queda Livre" da série "Black Mirror", fica evidente que, de certa forma, a linha entre realidade e ficção se dissolve, especialmente quando se trata das relações sociais proporcionadas pelas redes e representadas no decorrer dos episódios que fazem os espectadores refletirem: "Isso é tão Black Mirror!".

### **3 Realidade Filtrada**

A internet surgiu na década de 1960, a partir de um projeto de pesquisa militar do governo dos Estados Unidos, desenvolvido pela Advanced Research Projects Agency (ARPA). O objetivo inicial era aprimorar e proteger as comunicações durante conflitos existentes e potenciais. Ao longo dos anos, a internet evoluiu por meio de inovações como o e-mail, sites e webcams, consolidando-se como uma plataforma de comunicação multimídia. Essa evolução foi acentuada com o crescimento da World Wide Web (WWW) e a introdução do navegador Netscape em 1995 (Santaella; Lemos, 2010, p. 17).

Nos anos 2000, testemunhou-se um significativo avanço na ubiquidade, com o surgimento de dispositivos portáteis que cabem na palma da mão. Esses aparelhos facilitam a conexão constante, independentemente da localização geográfica, promovendo uma comunicação heterogênea. Essa transformação representou uma grande ascensão para a sociedade, que buscava maneiras de facilitar a comunicação além das limitações anteriores.

A economia global é hoje constituída pelas trocas e fluxos quase instantâneos de informação, capital e comunicação cultural. A sociedade permanece capitalista, mas a base dos meios tecnológicos com os quais ela age saltou da energia para a informação. Nessa sociedade, as redes não são apenas uma nova forma de organização

social, mas se tornaram um traço-chave da morfologia social que, no mundo do negócios, passou das burocracias verticais às corporações horizontais. (Santaella; Lemos, 2010, p. 16)

Em seguida, vieram as redes sociais, fenômeno que tomou grandes proporções, consequência da Internet e que são potenciadoras das praticidades da sociedade contemporânea destacando o crescimento das Big Techs no mercado global.

Embora o termo Big Techs seja relativamente novo, o fenômeno que ele descreve tem suas raízes nos primórdios da era digital. Empresas como a Microsoft e a Apple, pioneiras na década de 1970, lançaram as bases para o crescimento exponencial do setor de tecnologia. Nas décadas seguintes, novas empresas como Alphabet (que tem o Google como subsidiária desde 10 de agosto de 2015), Amazon e Meta (anteriormente Facebook) emergiram, desafiando o status e inovando em áreas como pesquisa online, comércio eletrônico e mídias sociais. (Pereira, 2024)

Portanto, a mais de uma década tem-se conhecimento que a matéria-prima deste século não é ouro nem prata, mas a informação que garante que o regime capitalista de Big Techs singularize as pessoas ao mesmo tempo que as separa em bolhas de filtros para agrupamento de dados e pessoas, criando comunidades a partir disso.

Contudo, é notável que o acesso às redes sociais deixou de ser apenas algo que pode aproximar as pessoas quando estão longe e se tornou uma necessidade contínua de se manter conectado, isso é perceptível ao verificar a quantidade de acessos diários que uma rede social tem e quantas horas em média os usuários ficam conectados. (Royer; Nogueira, 2022, p. 94)

Segundo os autores, esse comportamento está subordinado, na maioria das vezes, com o lado afetivo e cognitivo das pessoas. Portanto, no mundo digital, os comentários e compartilhamentos compreendem o perfil do usuário para uma personalização em suas pesquisas.

A maior parte das pessoas imagina que, ao procurar um termo no Google, todos obtemos os mesmos resultados - aqueles que o PageRank, famoso algoritmo da companhia, classifica como mais relevantes, com base nos links feitos por outras páginas. No entanto, desde dezembro de 2009, isso já não é verdade. Agora obtemos o resultado que o algoritmo do Google sugere ser melhor para cada usuário específico - e outra pessoa poderá encontrar resultados completamente diferentes. Em outras palavras, já não existe Google único. (Pariser, 2012, p. 8)

Segundo o autor, isso se deve a personalização dessas buscas que se baseiam em uma troca de “favores”, através do uso dos aplicativos e serviços proporcionados por meio de permutação de dados que as organizações têm acesso. Portanto, quando a tecnologia passa a nos mostrar o mundo, acaba por se colocar entre nós e a realidade (Pariser, 2012, p. 18) como uma lente de aumento que se efetiva para os usuários vislumbrar apenas aquilo que faz parte do seu meio de comunicação - sendo definido por um reflexo categórico de nossos interesses e desejos. Conseqüentemente,

(...) abriu-se o horizonte para a implementação de um tipo de controle descentralizado, embora bem mais sutil e eficaz, que opera em todos momento e lugar, além de se exercer em todas as direções e em fluxo constante, graças à espantosa ubiquidade dos dispositivos digitais de comunicação e informação. (Sibilia, 2018, p. 224)

Esse tipo de controle pode ser percebido através do desenvolvimento do “capitalismo de vigilância” que consiste na vigilância dos dados através de algoritmos que conseguem criar categorias e mapear perfis, além de dividir esses usuários em filtros de bolha através dos dados, abrindo espaço para o processo de datificação que

se refere às atividades, processadas por algoritmos, que produzem novos tipos de valores sociais e econômicos. A datificação não apenas identifica e quantifica o que e como o usuário compra, mas relaciona contextos semânticos, apontando o que o usuário gosta ou o que pode vir a gostar.” (Bortolazzo, 2022, p. 9-10)

Sendo assim, os dados em aplicativos como Instagram funcionam como uma permuta: o indivíduo tem acesso ao aplicativo ou serviço e em troca o usuário “libera” o acesso aos seus dados permitindo inconscientemente ou não que grandes empresas ganhem ainda mais com produtos personalizados, obtendo um maior controle de mercado.

Quanto mais aprisionados estiverem os usuários, mais fácil será convencê-los a se conectar às suas contas – e quando estamos constantemente conectados, essas empresas continuam a rastrear dados a nosso respeito mesmo quando não visitamos seus sites. (Pariser, 2012, p. 42)

Desse modo, quando o consentimento de privacidade é solicitado pressupõe que esses dados serão usados apenas dentro daquela plataforma. Mas, alguns aplicativos permitem que outras empresas tenham acesso a esses dados “quando

uma página inclui um link para outra, isso pode ser considerado um “voto” para a segunda página” (Pariser, 2012, p. 33) tal como uma permissão indireta para o tráfego desses dados. Isso pode ser exemplificado através do documentário “O dilema das redes”, o qual argumenta sobre

O que está implícito não é o produto em si, mas o que as empresas de tecnologia estão vendendo. A resposta dada pelo documentário é objetiva: as empresas vendem informações sobre todos nós. O produto à venda não se resume aos dados capturados pelas plataformas digitais, ainda que eles sejam um subproduto possível, mas as corporações, de posse dessas informações e através de operações algorítmicas, conseguem rastrear usuários, mapear comportamentos e padrões e, assim, direcionar a oferta de produtos. (Bortolazzo, 2022, p. 7)

Destarte, o autor fala sobre o poder dos meios de interação, pois processam informações através de tecnologias de vigilância. Por ser algo relativamente novo, ainda não existem legislações que protejam os usuários e quando existem são bem limitadas, pois para proteger os indivíduos é necessário saber que dados são coletados e como são usados, todavia a maioria das Big Techs não esclarecem isso em seus termos de política de privacidade. É importante frisar que “os usuários têm direito aos seus dados. Mesmo com o grande avanço da tecnologia, esses direitos devem ser respeitados independente se são autorizados ou não a divulgação disso” (Sibilia, 2018).

No ambiente de entretenimento, o controle é tão bem estruturado que, de maneira criativa, proporciona ao indivíduo uma falsa sensação de escolha, fundamentada em um capitalismo que promove o consumo exacerbado de produtos e informações. Isso ocorre por meio do “algoritmo de favoritização”, onde cada “curtida”, “comentário” ou “compartilhamento” pode ser convertido em uma mercadoria. Essa dinâmica reflete uma distopia semelhante àquela descrita por Aldous Huxley em sua obra “Admirável Mundo Novo”.

## **4 Metodologia**

Por meio da metodologia, pretende-se desenvolver uma pesquisa baseada nas ferramentas e instruções de acordo com o caráter científico. Neste estudo será adotada a pesquisa qualitativa, visto que mais se encaixa com o tema e cabe a seguinte definição:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (Minayo, 1995, p. 21-22)

Quanto ao propósito de alcançar os objetivos gerais e específicos deste projeto, aquela que melhor se encaixa é a pesquisa exploratória com ênfase em pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo. Os estudos exploratórios são usados para diagnosticar situações, explorar alternativas ou descobrir novas ideias. Não são métodos engessados, mas que deixam livre para novas descobertas.

A técnica de coleta de dados que irá ser utilizada é a pesquisa bibliográfica, visto que para Lakato e Marconi (2001, p. 183), a pesquisa bibliográfica,

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]

Em resumo, segundo o autor, toda pesquisa deve ter o embasamento bibliográfico para que o pesquisador não desperdice tempo e possa encontrar soluções inovadoras para o problema apresentado.

## 5 Análise e discussão

Era uma vez, uma madrasta que vigiava a todos no reino através de um espelho mágico. Ela tinha controle sobre quem a traía, quem era mais bela do que ela, vigiava cada passo das pessoas. É uma história bastante conhecida em diversas culturas e que encanta pessoas de diferentes faixas etárias... Lembrou? Isso mesmo, a história da Branca de Neve (ou nem é tão dela assim).

Mas o que isso tem a ver com Black Mirror? Essa série é uma distopia produzida por Charlie Brooker e original da Netflix com o objetivo de mostrar o impacto das tecnologias nas relações interpessoais e intrapessoais, seja no passado, presente ou futuro.

A abertura inicia com um espelho sendo quebrado, símbolo que se relaciona com a narrativa acima. Percebeu a semelhança entre as duas histórias? Esse

“espelho” não é como o conto da Branca de Neve, entretanto um pouco mais complexo do que isso como será relatado a seguir.

Durante e depois da Segunda Guerra Mundial, as nações desenvolvidas começaram a investir cada vez mais em tecnologias que permitissem comunicações à distância, tanto por causa da guerra como em relações futuras. Alan Turing foi e é um nome importante nesse avanço, pois como um matemático ajudou a desenvolver a base da computação permitindo a vitória do grupo Aliados (Reino Unido, Estados Unidos, União Soviética e França). Investiu-se tempo e pesquisa em dados criptografados para facilitar a comunicação, ao mesmo tempo em que a confidencialidade e a segurança eram objetivos a serem alcançados. A seguir, a análise do episódio em que supostamente os dados passam de auxiliar para ditador na sociedade criada dentro da série Black Mirror.

## 5.1 Análise do episódio “Queda Livre” - Black Mirror

Lacie é a personagem principal do episódio “Nosedive”, em tradução “Queda Livre”. Nesse universo fictício, todas as pessoas estão conectadas através de lentes e smartphones, o que dá o poder de julgar e ser julgado, propondo autenticidade porém sem realmente dizer o que pensa ou o que não é *beio* aos olhos da sociedade. Esse mundo de aparências e falsidades é controlado por avaliações através de estrelas entre zero (mínimo) e cinco (máximo) semelhantes a avaliações feitas no aplicativo Uber. A partir dessa avaliação é determinado onde o indivíduo trabalha, mora, estuda e convive socialmente.

A narrativa inicia-se com a Lacie ensaiando seu sorriso em frente ao espelho para visualizar qual forma seria mais agradável aos olhos externos. Então visualiza-se algumas informações sobre ela, como a sua classificação em 4,2 estrelas e as últimas postagens como uma *timeline* do Instagram. Ela está sempre em busca de curtidas como uma caça-likes.

**Figura 1** - Lacie e sua pontuação inicial na série Black Mirror



**Fonte:** Série “Black Mirror”, Netflix, 2024.

Durante o episódio, percebe-se uma ansiedade vindo dela sempre que posta uma foto ou que se depara com alguém. A vida dela consiste nisso: tudo o que faz espera uma curtida. À vista disso, as mídias sociais nasceram e se desenvolveram para manter a atenção dos indivíduos focada em telas, como um espelho em que se contempla ao mesmo tempo que analisa o outro, tal qual “fotos belas, como imagens ideais, os protegem da realidade suja” (Han, 2018, p. 55).

Do mesmo modo como as casas de vidros em que são transparentes e ao mesmo tempo vitrines, gerando ambiguidade sobre a privacidade do indivíduo, conforme às telas de computadores e smartphones que se tornaram um palco de exibição para a sociedade em geral por potencializar o espetáculo e a visibilidade, incentivando os indivíduos a serem cada vez mais dependentes do sistema.

**Figura 2** - Lacie na fila do café



**Fonte:** Série “Black Mirror”, Netflix, 2024.

Retornando ao enredo, a personagem mora com seu irmão Ryan ao qual não interage muito, pois pensa nele como um “perdedor” já que possui uma avaliação abaixo dela. O contrato do imóvel que ela divide com Ryan está vencendo, então está procurando um lugar para residir, já que seu irmão vai morar com um amigo dele. Ao chegar no trabalho, Lacie se depara com um ex-colega de trabalho que é impedido pelos seguranças de entrar, pois ele está abaixo da média permitida, visto que Chester se tornou um 3.1 (estrela) por causa do seu término de namoro com o Gordon.

Lacie acha injusto que ele esteja sofrendo essa punição de ser excluído pelos demais colegas e ter perdido o emprego. Porém, a maioria das pessoas do trabalho ficam do lado oposto e ela os acompanha para não ser excluída, apesar de não concordar com o movimento de massa.

Essa construção leva o sujeito a pensar em que personagem ele pode ser, o que ele pode e deve fazer para chegar ao topo, mesmo que seja preciso se encaixar em um determinado padrão, deixando de ser único e autêntico para encarnar um papel para ser aceito e reconhecido, contradizendo seus valores morais. Nas redes sociais,

As personalidades se tornam fetiches desejados e cobiçados, que podem ser comprados e vendidos, repentinamente valorizados quando irrompem no espaço visível como lustrosas novidades, e logo descartado como obsoletos. (Sibilia, 2008)

Essa habilidade de reedição é uma predisposição que os nativos digitais têm involuntariamente, visto que no atual modelo de sociedade apresentado é necessário “se camuflar” para “sobreviver”, para serem aceitos, semelhantes a produtos em uma vitrine de loja.

Para isso, ela consulta com um especialista em avaliação social que lhe dá conselhos sobre como subir sua pontuação muito rápido. Ele dá um panorama geral sobre como são as interações dela e o que ela deve buscar, fortalecendo que “as relações sociais tendem a ser cada vez mais distantes da ética humana e cada vez mais próximas da mediação dos algoritmos” (Sá, 2020), pois com a base de dados que ele possui, consegue extrair o perfil da Lacie e de quem estava ao seu redor, aconselhando sobre o necessário para subir a pontuação da personagem.

Naomi é a sua ex-melhor amiga que é uma 4,8 estrelas e vai se casar em breve. Ela convida Lacie para ser uma de suas madrinhas e fazer um discurso no dia do seu casamento, após Lacie chamar sua atenção postando uma foto com o boneco Sr. Rabicho que fez parte do passado das duas. Para Naomi é interessante ter uma amiga antiga com pontuação 4,2 no seu casamento, afirmando uma autenticidade inexistente. Assim como Lacie, ela está interessada nos números e o quanto isso pode impactar seu perfil.

**Figura 3** - Fotografia do Sr. Rabicho no perfil de Lacie



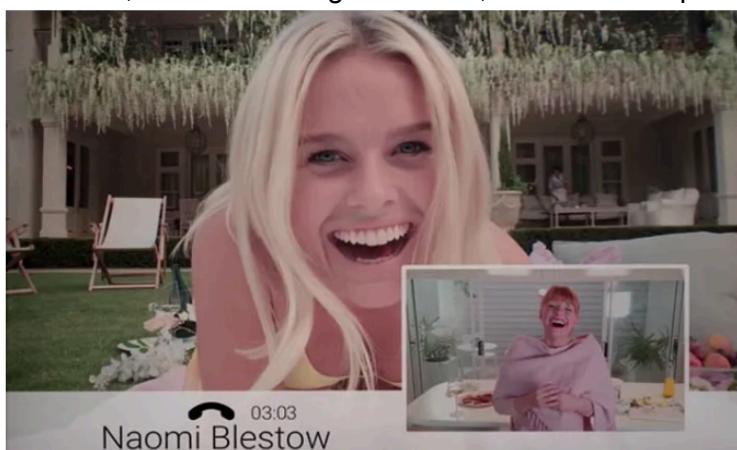
**Fonte:** Série “Black Mirror”, Netflix, 2024.

Percebe-se que a atual cultura relatada na série sofreu mudanças por conta do grande avanço tecnológico que aconteceu nos últimos anos, que deixou nas “mãos de cada um a capacidade de comandar seu próprio relato” (Sibilia, 2018, p. 227) gerando propostas de engajamento e, conseqüentemente, diversos discursos midiáticos contemporâneos. Esses influenciadores digitais acima de 4.0 estrelas vendem sua vida “perfeita” (postam fotos de lugares bonitos, frases motivacionais, coisas do dia a dia) na internet. É uma terra fértil que pode germinar qualquer coisa que quiserem, pois vai além do espaço geográfico e de fatores biológicos, tornando-se celebridades mesmo sendo anônimos. Em todas as situações, cada personagem nesse episódio perde a sólida consistência que costumava ostentar, para se tornar algo bem mais flexível e reprogramável ao que a sociedade digital impõe (Sibilia, 2018, p. 221).

Sendo assim, Naomi parece viver uma vida perfeita, cercada por bajuladores que não são nada além de moedas de troca. No contexto de seu casamento, evidenciam-se as reflexões de Han (2022), que retrata sobre “a era da positividade

gera um culto ao bem-estar que encobre as relações de poder e exploração". Os sorrisos que cercam Naomi são, na verdade, máscaras de falsidade, ressaltando o valor superficial que a sociedade impõe. Com sua pontuação superior à de Lacie, Naomi desfruta de benefícios que a colocam em uma posição privilegiada. Para alcançar a cobiçada marca de cinco estrelas, ela está disposta a explorar a amizade fictícia de Lacie como estratégia de crescimento, transformando tudo em um jogo impiedoso de aparências.

**Figura 4** - Naomi, ex-melhor amiga de Lacie, convidando-a para seu casamento



**Fonte:** Série "Black Mirror", Netflix, 2024.

Nota-se ao decorrer do episódio a comparação e a idealização excessiva por parte da protagonista. Ao mesmo tempo em que ela se vê no celular, "ele abre um espaço narcísico, uma esfera do imaginário na qual (se) tranca. Por meio do smartphone o *outro* não fala" (Han, 2018, p. 45). Nas mídias, as pessoas parecem ser realizadas com isso, e é "isso" que a Lacie quer, mas nem ela própria sabe denominar o seu objeto de desejo, pois "seduzir, agradar, provocar, ostentar, demonstrar aos outros - ou alguém em particular - quanto se é belo e feliz mesmo que todos estejam a par de uma obviedade: o que se mostra nessas vitrines costuma ser uma versão "otimizada" das próprias vidas" (Sibilia, 2016, p. 42).

Fica evidente em uma conversa que ela tem com uma caminhoeira que toda essa perseguição é por status, prestígio, mas ao mesmo tempo também é pela a sobrevivência em sociedade, para não ser excluída.

**Figura 5** - Susan oferece carona para Lacie



**Fonte:** Série “Black Mirror”, Netflix, 2024.

Susan é uma mulher que a um tempo atrás possuía uma pontuação de 4.6. Seu esposo era uma 4.3 e foi diagnosticado com câncer pancreático altamente agressivo. Existia um tratamento experimental na época, mas apenas alguns indivíduos seriam beneficiados (aqueles que tivessem pontuações mais elevadas). Ele “perdeu” sua vaga para um 4.4 e veio a falecer. Susan ficou revoltada com a injustiça do sistema e passou a falar o que queria e como se sentia sem ligar para o império de aparências que só utilizavam a simpatia, a gentileza e a bondade como pretexto para alcançarem popularidade (Lemos, 2018). É difícil para indivíduos como Susan se colocarem contra o sistema e aceitarem ser “excluídos” desse modo de vida.

Durante essa conversa, Lacie percebe que as suas relações são, de certa forma, moldadas pelo sistema, tornando-se uma busca desesperada para aumentar a pontuação a fim de ter o mínimo que uma sociedade deve oferecer: respeito pela vida e direitos iguais. E para isso Lacie tem que vestir uma máscara que cubra toda a honestidade e que se permita viver de acordo com as “regras” daquela sociedade de controle, tornando-se uma fantoche na “distopia que comanda o jogo, à maneira de experimentações críticas com a conduta humana, algumas vezes, até o limite do insuportável” (Santaella; Gabriel, 2019, p. 946).

Porém, tudo que a Lacie esperava encontrar durante a cerimônia de Naomi não sai da forma esperada, pois a protagonista tem uma série de imprevistos durante o caminho até a festa de casamento. Mas mesmo assim ela não desiste de ir. Quando

chega lá tudo se torna um completo desastre, visto que Lacie vai para pontuação abaixo de uma estrela, fazendo com que ela seja presa em uma cela transparente tendo as lentes de seus olhos removidas juntamente com o aparelho celular.

**Figura 6** - Lacie em uma cela de prisão transparente



**Fonte:** Série “Black Mirror”, Netflix, 2024.

Nessa cela, a personagem avista outra pessoa na mesma situação, mas sem o receio de ser julgada, já que a única “moeda” que possuía havia sido tomada. Os dois começam a trocar xingamentos abertamente, expressando suas opiniões e descontentamentos um sobre o outro, revelando uma honestidade que há muito foi extinta em uma sociedade dominada pelas aparências, onde a pontuação social atua como moeda de troca. Ironicamente, ao estarem presos, eles encontram uma liberdade distópica de Aldous Huxley, que nos alerta sobre os perigos da superficialidade ao afirmar que “a felicidade é um estado de espírito que se conquista à custa da liberdade”. Nesse momento de retirada de máscaras, “só os “losers” ou “outsiders” podem se dar ao luxo de serem sinceros, pois não dão a mínima para a pontuação”, libertam-se das amarras impostas pela sociedade e podem ser autênticos, rompendo com os padrões da mídia que regula as relações afetivas.

## **5 Considerações Finais**

Diante dos objetivos propostos neste trabalho, é possível refletir sobre a exposição nas redes sociais, fazendo uma comparação com o episódio “Queda Livre”. Nesse contexto, observa-se a exploração da vigilância distribuída, descentralizada e locativa. Os smartphones, por sua vez, são capazes de rastrear e fornecer dados em tempo

real, acompanhando a localização do usuário tal qual o espelho da rainha má em que ela só consegue fazer envenenar a Branca de Neve porque sabe exatamente onde ela está vivendo. Se não existisse o espelho, a rainha, talvez, jamais saberia a localização da filha do rei. Assim, os filtros personalizados, que eram apenas um sonho há quinze anos, tornaram-se uma realidade imposta à sociedade, afetando profundamente a maneira como o indivíduo se percebe e como enxerga os outros.

As interações que ocorrem durante o desenvolvimento do episódio evidenciam uma linha tênue entre a aceitação do uso de dados pessoais e a reflexão sobre até onde isso pode ser benéfico para o usuário. O universo de “Black Mirror” explora as vantagens e desvantagens das tecnologias modernas, como a terceirização da memória. Com uma lente e um smartphone em mãos, as pessoas podem acessar versões editáveis da vida dos outros, questionando a veracidade dessas representações com base em avaliações e estrelas. Isso levanta reflexões sobre a autenticidade das experiências e a fragilidade da verdade na era digital.

Essa dinâmica é revelada ao longo da narrativa por meio de um algoritmo que “compreende” que cada curtida representa um sinal de aprovação, sendo cinco estrelas o nível máximo de avaliação, ou seja, quanto mais estrelas são recebidas, mais prestígio social aquela pessoa possui aos olhos das telas. Trata-se, portanto, de uma teia algorítmica que captura comportamentos e preferências por meio das telas dos smartphones.

Em síntese, não há uma fórmula mágica para se proteger dos algoritmos das Big Techs. Infelizmente, muitos serviços exigem dados dos usuários, como cartão de crédito. Aonde esses rastros digitais levarão a sociedade? À salvação ou ao colapso? Embora não haja uma resposta definitiva, existem maneiras de diminuir os impactos. Afinal, os dados hoje têm um valor que supera até mesmo o do petróleo, sendo a base que sustenta as grandes empresas do Vale do Silício.

Assim, percebeu-se que, durante a queda livre de Lacie, faltaram duas coisas essenciais àquela sociedade: a consciência sobre os dados e a transparência das plataformas, temas que são extremamente relevantes nos tempos atuais. Um exemplo representativo dessa falta de consciência e ética é o caso da Cambridge Analytica, onde dados de milhões de usuários foram coletados sem consentimento e utilizados para manipular comportamentos eleitorais durante as eleições estadunidenses no ano de 2016. Esse acontecimento abriu os olhos do público ao que estava e está acontecendo: não existe nenhuma legislação que proteja o usuário

e não existe nenhuma ética dessas empresas que usam dados indiscriminadamente. O que importa no capitalismo de vigilância é a monetização.

Resumindo, este episódio ilustra claramente os riscos associados ao uso irresponsável dos dados e a ausência de regulamentações eficazes. Dessa forma, reflete-se sobre o episódio "Queda Livre" e suas semelhanças com a realidade contemporânea, esclarecendo que a consciência sobre dados e a transparência nas plataformas são pilares essenciais para que a tecnologia promova o bem-estar da sociedade, sem que a conduza a um colapso ético e social. Sendo assim, esse tema será relevante para a pesquisa por muitos anos, pois é essencial que a humanidade continue a aproveitar os benefícios das tecnologias digitais, ao mesmo tempo em que se mantém alerta para o lado obscuro da "rainha má" (representa os perigos da desinformação, da invasão de privacidade e da alienação).

## Referências

**BLACK Mirror**, terceira temporada. Episódio Nosedive. Direção: Joe Wright. Roteiro: Michael Schur, Charlie Brooker. Produção: Laurie Borg. Interpretes: Bryce Dallas Howard, Alice Eve, Cherry Jones. Netflix, 2016, 63 minutos. Disponível em: [www.netflix.com](http://www.netflix.com). Acesso em 05 de fev de 2024.

BORTOLAZZO, S. F. O Dilema das Plataformas e Redes Digitais: processos educativos, docência e neoliberalismo. **Cadernos de Educação**, n. 66, 26 dez. 2022.

COSTA, Angélica de Almeida. **Poética da distopia no tempo presente**: a narrativa da série Black Mirror. 2019. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/3167>. Acesso em: 15 jan. 2024.

FERREIRA, V. V. Utopia e distopias no século XXI e pós-modernismo. **Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - UFMS**, v. 19, n. 38, p. 64-82, 11.

Garcia Henriques, S. M., & Gross Furini, L. Ubiquidade e mobilidade: percepções sobre a ubiquidade das conexões através da internet das coisas. **Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones"**, 12, 11-23. DOI: <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.6058>

HAN, Byung-Chul. **Bom entretenimento**: uma desconstrução da história da paixão ocidental. Petrópolis, Rj: Vozes, 2019. 206 p.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. 108 p.

HAN, Byung-Chul. **Não-coisas**: reviravoltas do mundo da vida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. 171 p.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. 135 p.

KARHAWI, Issaaf; RAMOS, Daniela Osvald. Por uma literacia algorítmica. **Interin**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 6-23, 28 dez. 2022. Sociedade Civil Educacional Tuiuti Limitada. <http://dx.doi.org/10.35168/1980-5276.utp.interin.2023.vol28.n1.pp6-23>.

KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lucia. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 1-10, 29 maio 2020. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.34074>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/34074>. Acesso em: 08 abr. 2024.

LEMOS, André. **Isso (não) é muito Black Mirror**: passado, presente e futuro das tecnologias de comunicação e informação/ André Lemos. - Salvador: EDUFBA, 2018. 164 p.

MATTOS, William Henrique Andrade. **UMA ANÁLISE INTERCRUZADA ENTRE O UNIVERSO DE BLACK MIRROR E A SOCIEDADE ATUAL BRASILEIRA**. 2018. 71 f. Monografia (Especialização) - Curso de Cinema e Audiovisual, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-30.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração / Maxwell Ferreira de Oliveira. -- Catalão: UFG, 2011. 72 p.: il.

O Dilema das Redes. Direção: Jeff Orlowski. Estados Unidos: Netflix, 2020.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 250 p.

PEREIRA, Luana Mendes. A regulação das Big Techs no Brasil e sua responsabilidade pelo combate ao discurso de ódio: perspectivas e desafios. Camaçari, 2024. 55 f. Orientador: Gilson Alves de Santana Júnior. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito). Departamento de Ciências Humanas e Tecnologia, Campus XIX, Universidade do Estado da Bahia. Camaçari, 2024.

PRIVACIDADE hackeada. Direção de Karim Amer e Jehane Noujaim. Estados Unidos: Netflix, 2019.

ROYER, Gean Carlos; NOGUEIRA, Arcielli Royer. QUEDA LIVRE, BLACK MIRROR: O impacto social ocasionado pelas mídias digitais, uma análise do comportamento humano. **Revista da Faculdade de Educação**, [S.L.], v. 37, n. 1, p. 93-103, 25 nov. 2022. Universidade do Estado do Mato Grosso - UNEMAT.  
<http://dx.doi.org/10.30681/21787476.2022.37.93103> . Disponível em:  
<https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/issue/view/440/227> . Acesso em: 15 abr. 2024.

SÁ, Edilaine Bernardes de. **"EM QUEDA LIVRE"**: vigilância distribuída e "o show do eu" no seriado black mirror. 2020. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2020. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/2810> . Acesso em: 15 maio 2024.

SANTAELLA, Lucia; GABRIEL, Martha. Por que Black Mirror dá muito o que pensar? **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 19, n. 62, p. 932-947, 2 out. 2019. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR.  
<http://dx.doi.org/10.7213/1981-416x.19.062.ds01> . Disponível em:  
<https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/25655> . Acesso em: 02 fev. 2024.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. Redes sociais digitais: a cognição conectiva do twitter. São Paulo: Paulus, 2010. 137 p.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. 264 p.

SIBILIA, Paula. "Você é o que Google diz que você é": a vida editável, entre controle e espetáculo. **Intexto**, [S.L.], v. 1, n. 42, p. 214-231, 25 abr. 2018. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.  
<http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201842.214-231> . Disponível em:  
<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/75091/47787> . Acesso em: 22 jan. 2024.

SILVA, Igor Gacheiro da. **ISSO É MUITO BLACK MIRROR**: narcisismo digital e vigilância algorítmica na composição da crise ética contemporânea. 2020. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.